Ano XII ••• Nº 366 ••• Uberaba/MG ••• Março/Abril de 2011

Revelação

Foto: Grasiano Souza

Museu de Arte Decorativa
Atração tem entrada franca

05

Para o mundo
Jornalista formado na Uniube conta sua trajetória

08

A céu aberto
Monumentos revelam o passado

14

Crônicas de uma certa Uberaba

As histórias que você ainda não leu

issuu-downloader.com

Nas esquinas da vida

Danilo Lima
6º período de Jornalismo

Uma das principais avenidas da cidade de Uberaba, a Deputado José Marcus Cherem é, há muito tempo, palco para comercialização do sexo no município. Para quem procura sexo barato e rápido, é só estacionar o carro, escolher a garota/garoto de programa ou os travestis que lá estão, toda a madrugada, dispostos a tudo ou quase tudo para sobreviver e para satisfazer seus luxos pessoais. O comércio noturno que existe durante toda a avenida propicia essa busca pelo sexo fácil. Bares, boates, e motéis servem de pontos para que esse comércio sexual ocorra tranquilamente, sem nenhum problema para prostitutas ou clientes. Diariamente, pessoas passam horas à espera de um cliente que esteja disposto a pagar pelo seu serviço, como é o caso dos colegas de avenida, que nesta reportagem iremos chamar de Paulo André, 22 anos, e Samantha Angélica, 16 anos.

> “Meu bar vende apenas bebidas, não posso proibir que prostitutas o frequentem

Paulo André, nascido na cidade de Estrela do Sul, interior de Minas Gerais, é o retrato fiel do que a falta de educação básica acarreta no futuro de milhares de jovens em todo o país. Não gostava de estudar, não completou o Ensino Fundamental, por isso teve que sair de casa, já que sua mãe nunca aceitou a forma que o filho escolheu viver. “Nunca gostei de estudar, saí de casa. Minha mãe hoje acha que estou em Uberaba cortando cana ou trabalhando com gado.” Paulo vive do que a prostituição lhe traz. Geralmente, consegue de quatro a cinco clientes na noite, cobra no mínimo R$50 e a duração de seus programas não passa dos 40 minutos.

Ainda adolescente, Samantha Angélica tem um histórico de sofrimento e poucos sonhos em sua vida. Com o corpo de menina, Samantha é o retrato da prostituição infantil e da falta de estrutura familiar. Foi iniciada sexualmente pelo padrasto, mas sem receio algum afirma: “*Se* perdi com meu padrasto. Gostei, mas acabei na rua”.

Ela não quis encarar o emprego de faxineira, como tantas outras jovens de baixa escolaridade. Segundo Samantha, fazer programas traz muito mais dinheiro. A consciência, poucas vezes em xeque, aparece quando a jovem afirma que há garotas que fazem programas por apenas R$1,99. Samantha e Paulo estabeleceram o mínimo de R$50.

Os dois jovens, para fugir da desgraça diária, das mazelas e do sofrimento que a vida nas ruas lhes traz, utilizam-se das drogas como válvula de escape. “Às vezes, fumo pedra de crack e bebo pinga para encarar a noite”, conta Samantha. Já Paulo acende um cigarro de maconha para que, pelo menos naquele instante, suas perturbações e frustrações virem cinzas e desapareçam como a fumaça da droga.

Para sobreviver na Marcus Cherem, todos precisam se ajudar. Samantha teve, em seu início, o “apoio” de Francisco Cândido, o Chicão. É o dono de um bar da avenida, que possui no primeiro andar alguns quartos que, supostamente, servem de ponto de encontro entre clientes e prostitutas. Lá, podem morar e comer até se estabelecer. “Eu moro no bar, mas não pode contar não.”

Perguntado, Chicão afirma desconhecer a história e diz que seus quartos são alugados como num hotel, para “pernoite” e não para prostituição. “Meu bar vende apenas bebidas, não posso proibir que prostitutas o frequentem.”

Samantha afirma ainda que mantinha eventuais relações sexuais com o dono do bar que, juntamente com um conhecido cafetão da área, Genivaldo Lopes, 32 anos, mais conhecido como Gegê da Marcus Cherem, cobra pelos quartos e por programas realizados. Procurado, Gegê não fez questão de negar que agencia sim garotas de programa e que cobra cerca de 50% dos programas. Para Paulo André, Gegê representa a pior parte na vida da avenida, pois se encarrega de cobrar pelos chamados “pontos de prostituição”. “Tive que encará-lo para me livrar dele.”

Os clientes, de todos os tipos, marido, pai de família, ou os chamados ‘playboys’ sustentam todo esse esquema.

Antônio Marcos, de 22 anos, cursa o 2° ano de Medicina em uma faculdade da cidade. Para ele, procurar as garotas de programa não passa de um luxo que o dinheiro paga. É apenas escolher. Ainda segundo ele, as meninas da avenida têm

Fotos: Arquivo Público

Trecho da Avenida Marcus Cherem, na década de 80

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (8º período/Jornalismo), Jr. Rodran (5º período/Publicidade e Propaganda) ••• **Estagiários:** Júlia Magalhães (5º período/Jornalismo), Grasiano Souza (6º período/Jornalismo) ••• **Colaboração:** Thiago Ferreira (6º período/Jornalismo)••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

uma diferença básica, em relação às outras, que o atrai: "Sexo oral. As patricinhas, enjoadas, não gostam de fazer. Aqui, não temos este problema." Em meio a drogas e bebidas, o sexo, conta ele, muitas vezes é desprotegido. O estudante afirma que as garotas de programa são diversão no fim de noite. Nada, além disso. Para Antônio, não existem nomes, nem histórias, apenas um passatempo sexual.

À margem de toda esta situação estão os moradores do local. Dona Aparecida Araújo, mais conhecida como Cida, católica fervorosa, reside há muitos anos na Marcus Cherem e diz que já denunciou toda esta situação várias vezes à polícia da cidade e que nada muda. Ela fala ainda do constrangimento de sua família com a movimentação noturna do local. "Às vezes, meus netos presenciam brigas por drogas, por pontos. Parece até filme", desabafa Cida que só não mudou de endereço por falta de dinheiro. A aposentada recebe uma pensão que não é suficiente para comprar uma nova casa.

A promotoria da cidade está ciente de toda a situação que envolve agenciamento, prostituição infantil, tráfico de drogas e os moradores da avenida.

De acordo com a promotora Suzana Souza, várias moças já foram retiradas do bar do Chicão. A adolescente Samantha é uma das procuradas pela promotoria do município. "Procuro em vários locais por Samantha, mas ela consegue fugir!"

A promotora faz ainda uma triste constatação sobre o histórico de vida destes personagens da avenida Marcus Cherem. "Isto faz parte de um circulo vicioso. Começa com a mãe que engravidou. São famílias desestruturadas e, como consequência, são jovens na prostituição."

O nome da avenida é em homenagem ao deputado estadual Marcus Cherem que faleceu antes de terminar um de seus mandatos

O projeto La Via Rose, existente há seis meses, tem como objetivo conhecer as histórias desstas pessoas, saber o que pensam e os reais motivos que levam pessoas a se prostituírem.

O antropólogo e sociólogo César Peixoto, formado pela Universidade de Brasília (UnB), com doutorado em Harvard, diz que os fatos descritos acima são de conhecimentos dele, mas desconhecido pela maioria da população que vive na cidade. Conforme o especialista, fazer a população ter conhecimento destes relatos é um dos principais pontos do projeto.

"Geralmente, começam entre 16 e 20 anos, têm baixa instrução, vêm de outras cidades da região e mandam dinheiro para seus familiares distantes", explica.

Para o antropólogo, a sociedade, como um todo, é responsável pela degradação social que adolescentes e jovens passam ao se prostituírem. "Cada um cuida de sua área. Não estou aqui para salvar o mundo."

A menina Samantha não tem motivos para alimentar sonhos. Hoje, tem vontade apenas de comprar uma bolsa que viu na vitrine de uma popular loja da cidade. Paulo também não vê perspectiva de mudanças em sua vida; quer apenas viver o hoje. Uma triste realidade. Basta virar a esquina para constatar.

** Esta crônica é fruto de exercício em sala de aula e todos os personagens são fictícios.*

Uberaba: O importante é a festa

Cristiano Ximenes
5º período de Jornalismo

No mês de março foi comemorado o aniversário de Uberaba. Para maioria das pessoas, o importante em um aniversário é a festa. Porém, é também comum nestas ocasiões nos colocarmos a refletir sobre o aniversariante que, neste caso, é a cidade em que vivemos.

Primeiro, questionamos a idade, afinal, muitos costumam reduzi-la. Atualmente, nossa cidade tem 191 anos, mas, pasmem, já foi mais velha. Difícil compreender? Nem tanto. A fundação do povoado que viria a se tornar nossa querida Uberaba data de 1809. O que deixaria a aniversariante com 202 aninhos.

Há algum tempo, optou-se por comemorar a data em que Uberaba foi desmembrada, por ordem do rei Dom João VI, da Freguesia do Desemboque, e elevada ela mesma à condição de Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba. Ou seja, ela não era uma cidade, ainda faria parte da Vila de Araxá e só se tornaria de fato um município em 22 de fevereiro de 1836. Dezesseis anos depois da data em que atualmente comemoramos seu aniversário, ou seja, conforme esta explicação, Uberaba teria 175 anos.

Parece que a aniversariante sofria de certa carência paternal, uma vez que considera como sendo seu nascimento o momento em que foi reconhecida por seu pai-nação através da pena de Dom João.

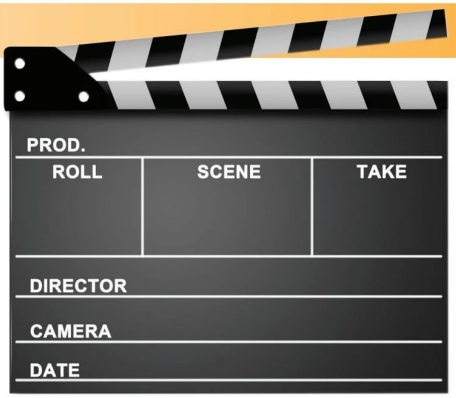
Mas, além da questão etária, algumas pessoas costumam também esconder suas origens. Uberaba se orgulha de ser uma cidade tipicamente mineira, mas, pasmem novamente, nasceu goiana. Até o ano de 1816, a região onde hoje se encontra o Triângulo Mineiro pertencia à Capitania de Goiás. Outro fato interessante é que consideramos como seus primeiros habitantes, na época, o sargento-mor Antonio Eustáquio da Silva e Oliveira e aqueles que o acompanhavam quando da fundação do povoado. Mas, novamente nos surpreendemos ao tomar conhecimento de que a região há muito já era habitada por uma considerável população indígena, que, em ao menos duas ocasiões, já havia frustrado tentativas do homem-branco aqui se estabelecer. Muitos também imaginam o motivo que levou os governantes da época a querer instalar aqui uma cidade. Seria apenas sua localização estratégica? Na verdade, havia uma necessidade de aumentar as receitas, uma vez que, naquela época, era cada vez mais difícil extrair o ouro que alimentava as capitanias e nossa região, com solo fértil e muita água, fazia do agro negócio um grande negócio para eles. Até hoje, inclusive.

Porém, voltando aos aniversários, sempre refletimos sobre o aniversariante, mas independente das conclusões, raramente deixamos de comparecer às comemorações. Afinal, o importante é a festa.

issuu-downloader.com

Pontão de Cultura forma novos profissionais

A iniciativa oferece oficinas de cinema, vídeo e produção digital



Fotos: Arquivo Pontão de Cultura

As oficinas são realizadas no Centro Vocacional Tecnológico e no Centro de Referência de Assistência Social Décio Moreira

Mateus Barros
6º período de Jornalismo

Visando ao desenvolvimento da produção e à estruturação do audiovisual na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a Fundação Cultural traz à cidade o Pontão de Cultura do Triângulo. O projeto pretende capacitar e formar agentes de cultura vinculados aos Pontos de Cultura da região e a entidades culturais, inclusive universidades, escolas e outras entidades públicas, na área do audiovisual.

Quem explica melhor sobre o Pontão é a coordenadora do projeto na região, Kate Árabe. "O projeto capacitará jovens na área da produção cinematográfica, fotografia e design gráfico. A criação desses pontos na região, pelos próprios profissionais da área, ajudará na troca de eventos e informações sobre o audiovisual no Triângulo, sem contar que incentivaremos também a participação de entidades e grupos."

As atividades resultam na criação de Oficinas de Linguagem e Processos de Criação em Cinema (Roteiro Cinematográfico, Montagem e Edição de Imagem e Som, Direção Cinematográfica, Produção e Equipes Cinematográficas, História e Crítica), Cursos de Fotografias e Retoques Digitais, Design Gráfico com enfoque em Design visual. Os alunos produzirão conteúdo digital e fomentarão a criação de um portal, de fóruns, mostras e festivais, como o Festival do Minuto.

O objetivo do projeto é alcançar a profissionalização de jovens e adultos por meio do audiovisual, inserindo, aos poucos, estes talentos no mercado de trabalho e democratizando o acesso de diferentes públicos às produções culturais.

O Portal desenvolvido pelo Pontão de Cultura ajudará na divulgação das atividades para outras entidades envolvidas, auxiliando também no intercâmbio de experiências. Segundo os organizadores, pretende-se elaborar encontros periódicos e atividades que promovam a troca de serviços, servindo para articular uma rede de projetos, programas e ações voltadas para a implementação da área do audiovisual.

"O projeto é de extrema importância para a cidade, afinal, dará acesso a muitas pessoas que antes não tinham a chance de fazer essas oficinas. Todas têm alta qualidade e são gratuitas para quem estiver interessado. Ajuda muito Uberaba a descobrir novos talentos na área, que antes não tinham chance de mostrar suas habilidades e aptidões", comenta o cineasta e oficineiro do projeto, Filipo Maluf Carotenuto, que é formado na Academia Internacional de Cinema de São Paulo.

A apresentação das obras artísticas realizadas pelos parceiros do Pontão será concentrada no Festival de Cultura do Triângulo. A ideia é realizar um evento anual, com duração de uma semana, e que, além do material das oficinas, apresente atrações e espetáculos do cenário nacional.

Em entrevista, o ex-presidente da Fundação Cultural de Uberaba, Rodrigo Mateus, que captou esse projeto, frisa a importância cultural e social do Pontão. "Já surgiram em Uberaba ótimos trabalhos no campo do audiovisual, graças aos profissionais envolvidos, porém é preciso mais apoio público e articulação para o setor. A região do Triângulo guarda um imenso manancial cultural que se manifesta por meio da música, literatura, teatro, folclore, tradições populares e outros segmentos. Salientamos que é necessário também que o município se firme como polo criativo de curtas, documentários, animações, cinema."

Para Rodrigo, o Pontão de Cultura é uma das maiores conquistas de sua gestão junto ao Ministério da Cultura. "O tempo e a qualidade dos trabalhos desenvolvidos mostrarão o nosso acerto."

Conheça o Pontão:
Endereço: Fundação Cultural, rua Tristão de Castro, 64, Centro
Telefone: (34) 3331-9227
Blog: pontaodeculturadotriangulo.blogspot.com
E-mail: pontaodeculturaldotriangulo@gmail.com

issuu-downloader.com

Município tem Museu de Arte Decorativa

Fotos: Divulgação

A chácara da família Reis foi transformada em museu em 12 de abril de 2002

Vinícius Silva
3º período de Jornalismo

Imagine um museu inteiro dedicado à memória da casa, aos objetos, mobiliário e costumes de seus antigos proprietários. Este é o Mada - Museu de Arte Decorativa de Uberaba. Em 12 de abril de 2002, a chácara da família Reis foi transformada em espaço cultural, conforme o projeto de assessoria de Museus da Fundação Cultural de Uberaba. A casa foi tombada pelo CODEMPHAU – Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural de Uberaba. Todos os objetos que estavam dentro foram mantidos e se juntaram a outras peças importantes de famílias de Uberaba.

O antigo proprietário, José Maria dos Reis, além de um influente político local e estadual, irmão do também político Dr. Fidélis Reis, era agropecuarista e engenheiro agrônomo. Foi ele mesmo o construtor da Vila dos Eucaliptos, também conhecida como Chácara José Maria dos Reis ou Abel Reis, que ocupa uma área de mais de três mil metros quadrados.

Enriquecido pelo solar construído por volta de 1916, o casarão apresenta largos porões de pedra tapiocanga. Trata-se de um exemplar original de arquitetura eclética. A fachada aparece em dois corpos, à frente dos quais, mais tarde, se adicionaram os alpendres, sustentados por pilastras de alvenaria, tendo cobertura e guarda-corpo em ferro trabalhado e colunas inglesas.

A varanda frontal esconde o que seria a antiga entrada nobre da casa. Na cobertura, de telha francesa, destaca-se o beiral, sustentado por mão-francesa de madeira recortada.

Em torno da sede, é possível encontrar diversas espécies vegetais, entre elas, lichieiras e mangueiras, cujas sementes são de origem indiana, do ano de 1922. A Vila Eucaliptos, com seus jardins, quintal, pomar e cafeteria, serviu de experimento ao proprietário para exercícios de reflorestamento dos chapadões com espécies da família das mirtáceas.

"Diariamente recebemos visitas de artistas, estudantes e comunidade em geral que prestigiam os eventos do museu e sempre ajudam na divulgação", diz o coordenador do Mada, Paulo Miranda.

No interior da casa, a sala de jantar exibe a réplica da Santa Ceia, de Leonardo Da Vinci, e a obra Retirada da Laguna, de José Maria dos Reis Júnior, considerada pelos especialistas um primor. Um barrado de estilo Art Déco dá o toque ao ambiente. Tudo devidamente restaurado. O acervo ainda conta com uma biblioteca, móveis e porcelana inglesa da década de 20.

"O MADA atua na área de Artes Visuais, com eventos em artes plásticas, música e teatro, porém ainda faltam verbas substanciais e sistemáticas para infraestrutura e uma maior divulgação do Museu", explica o coordenador.

Neste ano, o Mada pretende realizar os projetos: "As Escolas Visitam os Museus" e "Ato 45"- Exposição, Performance e Recitais.

A réplica da Santa Ceia, de Leonardo Da Vinci, é um dos destaques do MADA

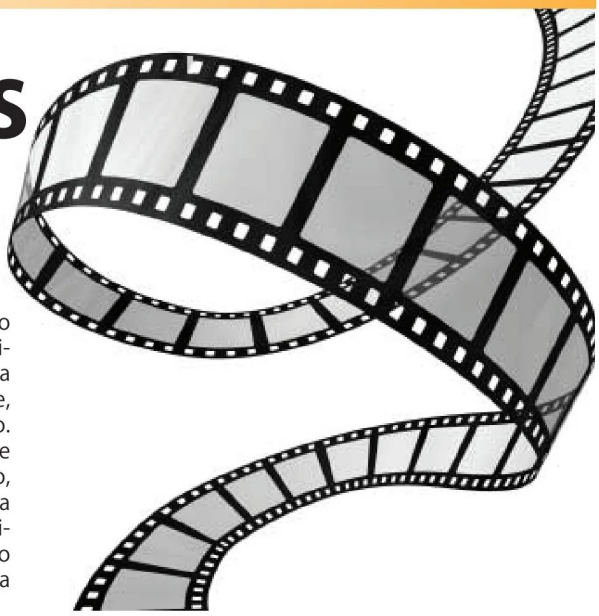
Visite o MADA:

Endereço: Rua Maria de Lourdes Melo Colli, s/nº
Bairro Estados Unidos
Telefone: (34) 3338-9409
Horário de funcionamento: de segunda a sexta - das 12h às 18h
E-mail: madamuseudearte@yahoo.com

issuu-downloader.com

Produzindo curtas

Município conquista mais espaço para a sétima arte



Natália Melo
7º período de Jornalismo

Há pessoas que vão ao cinema pelo menos um dia por semana. Algumas, alugam filmes todos os finais de semana. Há aquelas que passam horas para escolher um longa: são aquelas que sabem tudo sobre a sétima arte. Existem também apaixonados que gastam dias e dias dedicando-se à produção de filmes.

Ari Morais é um desses. Formado em Publicidade e Propaganda, morou em Londres, enquanto fazia um curso de Guia Internacional em Turismo e pós-graduação em Tradução. Desde que chegou à cidade, há cerca de dois anos, ele trabalha com traduções, é professor particular de Inglês e trabalha na produção de seus vídeos como hobby.

Com mais de 16 produções feitas em Uberaba, entre elas três documentários, nove videos de um minuto, três curtas-metragens e uma participação no filme do Chico Xavier, ele mostra que é possível produzir curtas-metragens e documentários. "Não é uma tarefa fácil. É muito difícil conseguir patrocínio para produção de vídeo e, sem dinheiro, não se faz nada nessa área. Eu, normalmente, pago tudo do meu bolso. Às vezes, não se consegue comprar o equipamento, então é necessário alugar a câmera e ainda pagar equipe técnica, fazer a cópia do DVD, contratar desenhista gráfico."

Diante da dificuldade de conseguir dinheiro para alugar ou comprar, Ricardo conta que o mais fácil é pedir emprestado. "Donos de lojas emprestam materiais em troca da divulgação da empresa nos créditos do filme", comenta.

Ari nem tem ideia de quanto dinheiro já gastou. "Você gasta aos poucos, compra conforme vai precisando: uma fita para a câmera aqui, um DVD ali, um lanche durante as gravações para equipe, mais gasolina. Isso sem contar gastos com o material para a filmagem e cenário. Já fiz filmes com R$ 20 reais e outros que gastei mais de mil. O trabalho do produtor é conseguir fazer o melhor com o menor custo."

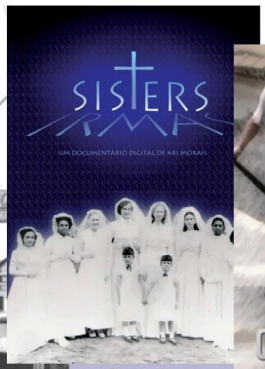
Apesar dos sacrifícios, para Ari, vale a pena o investimento. "É o meu maior prazer. Sou apaixonado pelo que faço, não importo se ficar sem comer e sem dormir. Se estamos fazendo, é o que interessa." Ele também assume que, quando se dedica a um projeto, se entrega. "O dinheiro não é tudo nesse caso; o importante é como me sinto satisfeito ao trabalhar com produções."

O professor de cinema Ricardo Tilim explica que, quando se é apaixonado por cinema, há uma necessidade de querer contar uma história, de expor suas ideias através do filme. "É muito gostoso ver um trabalho pronto, apresentar para várias pessoas que, depois de assistirem, comentam se gostaram ou não."

Ricardo trabalha também com Informática, porque não consegue viver só do cinema. "Quem sabe no futuro", espera.

Ele começou a fazer filmes há cerca de três anos, quando um amigo, professor de cinema, o convidou para ajudar nas filmagens de curtas-metragens dos alunos. Desde então, Ricardo guardou dinheiro e comprou sua própria câmera e já realizou inúmeros trabalhos e participou de mais de 30 produções, dentre eles, sete curtas-metragens.

Assim como Ari, Ricardo diz que a dificuldade de conseguir patrocínio é o principal problema, porém ele acredita que esta realidade está mudando. "Tem muita gente produzindo e as coisas estão ficando mais fáceis. Já dá para sentir uma diferença."



Fotos: Arquivo Pessoal

Ari Morais participou do filme Chico Xavier

CAU

Surge uma oportunidade que promete incentivar a área: é a Cúpula do Audiovisual de Uberaba – CAU. É uma incubadora de projetos que, em parceria com a Fundação Cultural, promete incentivar a produção independente. "Nossa intenção é criar uma ligação com projetos fora da cidade e também exportar nosso trabalho para competições fora do país", explica o presidente da CAU, Mateus Barros. Para entrar em contato com a CAU, basta ligar 3331 9200.

issuu-downloader.com

Conheça o Vera Cruz

Vinícius Silva
3º período de Jornalismo

No dia 19 de junho de 1948, no bairro São Benedito, foi inaugurado o Cine Vera Cruz, empreendimento da Companhia Cinematográfica São Luiz, proprietária dos cines: São Luiz, Metrópole e Royal.

Presidida, na época, por Orlando Rodrigues da Cunha, a construção ficou a cargo dos engenheiros James de Barros e Nicácio Pedro Gonçalves Vidal. O projeto, em estilo Art Déco, foi do arquiteto Taddeu Giudice. O nome do cinema é uma homenagem ao primeiro nome do Brasil.

O filme exibido naquela sexta-feira, em sistema tecnocolor (alta tecnologia para aqueles tempos) era Festa Brava, estrelado por Esther Willians e Ricardo Montalban.

Na década de 1950, a sala foi a pioneira dos cinemas uberabenses a utilizar o recurso Cinemascope: tela de exibição em tamanho maior e aparelhagem sonora mais potente. A partir de 1981, o cinema foi transformado em Cine Teatro Vera Cruz e passou a ser palco de peças teatrais, espetáculos de dança e shows com artistas locais e de renome nacional. Em 2006, o pioneiro em tecnologia cinematográfica foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (CONPHAU).

O projeto surgiu com o objetivo de difundir o valor do patrimônio como referencial à memória coletiva. O Cine Teatro Municipal Vera Cruz foi reformado e entregue à comunidade em 2007, com capacidade para receber mais de mil espectadores sentados.

Na parte externa, investimentos foram feitos na construção do calçadão, que ganhou bancos, iluminação especial e três rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.

"O Cine Teatro Vera Cruz é um ótimo espaço para os cidadãos uberabenses e para o fomento da cultura, cinema e artes em geral na cidade", salienta o estudante de Artes Cênicas, Maurício Mesquita.

O imponente prédio, marco de uma época de ascendência cultural, é um dos cartões postais da cidade. Desde outubro de 2009, o cine teatro abriu espaço à comunidade para realização de eventos voltados à área cultural. As solicitações devem ser realizadas por meio de um requerimento formal.

O Vera Cruz já foi palco de diversos espetáculos, como peças teatrais, shows musicais, apresentações de danças, exposições, formaturas escolares, dentre outros.

A Cúpula de Audiovisual de Uberaba (CAU), em parceria com a Fundação Cultural, exibiu filmes clássicos e longas-metragens que marcaram muitas gerações, em sessões gratuitas. Segundo os organizadores, a ação é uma forma de apurar o senso crítico, desenvolver a percepção analítica e oferecer uma nova proposta cultural à comunidade.

Foto: Grasiano Souza

Visite o cine teatro:
Endereço: Rua São Benedito, 290
Telefone: (34) 3317-1476
Horário de funcionamento: 8h às 18h
De segunda a sexta-feira

issuu-downloader.com

De Uberaba para o mundo

Repórter da Rede Globo conta suas histórias e fala da carreira

Marcelo Lemos
3º período de Jornalismo

O jornalista Fábio William formou-se na Universidade de Uberaba, em 1987. Iniciou a sua carreira na Rádio Sete Colinas e um ano depois começou a trabalhar na TV Uberaba. Nesses 25 anos de profissão, atuou como locutor de rádio em Brasília e já trabalhou na Rede Record, Rede Bandeirantes e na afiliada da extinta Rede Manchete. Há 14 anos, está na Rede Globo, como repórter de política, faz também a cobertura de fatos nacionais no Jornal da Globo, e tem matérias exibidas no Jornal Hoje, Jornal Nacional, Bom Dia Brasil, Fantástico e Globo News. Apresenta telejornais como DFTV e Jornal das Dez, ambos do grupo Globo.

Em sua trajetória, cobriu importantes fatos nacionais, como o impeachment do ex-presidente Collor, a transição para o governo Itamar, os dois mandatos de Fernando Henrique e o governo Lula, além de importantes CPIs como a do PC Farias, dos Anões do Orçamento, dos Correios e dos Bingos. Acompanhou de perto os escândalos nacionais como a violação do Painel Eletrônico do Senado, as denúncias de Roberto Jefferson, a cassação dos parlamentares envolvidos e seus desdobramentos políticos.

O jornalista foi o primeiro profissional a participar de uma missão operacional em um caça das Forças Armadas Brasileiras (FAB), experiência que, segundo ele, só o Jornalismo pode oferecer.

Fábio durante cobertura de missão operacional da FAB

Revelação - Você sempre sonhou em ser jornalista?
Fábio William - Não. Na realidade, quando eu era criança, o meu desejo era ser policial militar, porque o meu pai é policial militar. O tempo foi passando, eu comecei a ouvir rádio, a prestar mais atenção em telejornal e me interessei por essa área. Foi surgindo naturalmente esse meu desejo de ser jornalista.

Revela - Você é paulistano. Quando veio para Uberaba?
Fábio - Cheguei em Uberaba para cursar o 2º colegial. Eu morava em São Paulo, mas os meus pais tiveram o desejo de voltar e eu vim. Nessa época, eu já tinha esse desejo de ser jornalista.

Revela - Da cidade mineira, que recordações você tem?
Fábio - As melhores recordações possíveis. Época de faculdade é sempre muito bom. É engraçado, porque quando você está fazendo faculdade tem aquele anseio de terminar, mas quando termina, você tem saudades de quando estudava. Uberaba sempre fez parte da minha vida e ainda faz. É como se eu tivesse duas cidades natais. Uberaba é a minha cidade de coração.

Revela - O seu primeiro trabalho na carreira foi na Rádio Sete Colinas de Uberaba. Como foi a experiência do primeiro emprego?
Fábio - Eu fazia o segundo semestre da faculdade e

issuu-downloader.com

tinha uma colega que trabalhava na Rádio Sete Colinas. Um dia, eu cheguei na faculdade e tinha que apresentar um trabalho. Quando terminei, ela falou: "Nossa, sua voz é tão bacana. É tão bonita. Você não quer fazer um teste na rádio?" Eu falei que gostaria muito, mas não tinha experiência. Então, ela marcou o teste. O dia que eu fui fazer, o gerente perguntou se eu tinha alguma experiência, eu engasguei e falei que no rádio não, mas disse que uma vez eu tinha apresentado um desfile. Acho que o teste ficou horrível (risadas), mas eles precisavam de alguém para pegar a ocorrência policial, então, comecei a estagiar na rádio.

Revela - Quanto tempo durou o estágio?
Fábio. Durante quatro meses, eu ia a pé, pegava as ocorrências, chegava na rádio, redigia e mostrava para o gerente. Um dia, me chamaram para trabalhar na Rádio Sociedade e disseram que eu podia ler as notinhas no ar. Era o meu sonho. Então, falei para o meu gerente que eu achava que ia para a Rádio Sociedade e ele disse: "Não, você vai ter uma chance aqui". Eu fui para o ar na Rádio Sete Colinas fazer nota de falecimento. Comecei assim, depois permitiram que eu lesse as ocorrências policiais e iniciei como repórter policial.

Revela - Como iniciou na televisão?
Fábio - Eu estava na rádio já tinha um ano. A coordenadora do meu curso era parente do Ney Junqueira, dono da TV Uberaba, hoje Bandeirantes. Ela me disse: "Fábio, por que você não faz um teste na televisão?" Eu pensei: nem rádio eu sei fazer, vou fazer o que na televisão? Um dia, ela marcou o meu teste. Depois de um tempo, me ligam na rádio. Era a secretária do Ney e ela disse que a fita com o meu teste tinha sumido e que era para eu estar lá na segunda-feira, às 9h, para gravar outro teste. Eu fui, cheguei, sentei e fiquei até as 11h15 esperando. Veio um senhor enlouquecido no corredor e disse: "Cadê o rapaz que vai fazer o teste?" Eu falei: sou eu. Ele respondeu: "Vamos lá, vamos lá. Perguntei: Eu vou gravar agora? E ele respondeu: "Não, você vai fazer ao vivo porque a apresentadora não veio".

Revela - Foi um susto?
Fábio. Nossa, entrei no estúdio todo iluminado, cheio de gente e o senhor me disse: "Quando a sua cara aparecer na televisão, você fala bom dia e lê as manchetes". Faltavam cinco minutos para começar o Jornal Factorama. Foi assim, a minha grande escola foi a TV Uberaba. Eu fiz de tudo lá. Fui editor, apresentador, repórter, pauteiro, enfim, tudo. Foi muito bom.

> "Quem acha que já fez tudo, pode se aposentar. Jornalismo não tem fim

Revela - Você sempre teve interesse em trabalhar na área política?
Fábio - Na própria TV Uberaba eu cobria política na Câmara de Vereadores e Prefeitura. Agora, aqui em Brasília é natural você ser repórter de política e economia. Eu trabalhei seis anos na TV Record e fazia mais economia do que política. Economia não é uma área que eu gosto, mas cobria. Já na Globo, temos que fazer a parte de política. Eu gosto, principalmente Congresso Nacional.

Revela - Qual cobertura você considera a mais importante de sua carreira?
Fábio - Eu estava na Record tentando me firmar como repórter de rede, porque até então eu trabalhava na cobertura local. Foi na época do PC Farias. Ele prestou um depoimento em Brasília e a imprensa toda estava lá para tentar uma fala com ele ou com o advogado. Mas eles saíram apressados e foram para o aeroporto. Depois de tanta insistência, consegui falar com o advogado dele. Ninguém tinha conseguido. O Jornal da Record entrava no ar às 19h10 e às 18h30 nós não tínhamos nada. Quando eu encontrei o advogado, ele me disse que o PC ainda não tinha embarcado. Pedi para ele deixar eu falar com o PC e o advogado respondeu: "deixo". Quando cheguei onde ele estava, perguntei: PC, o senhor pode falar com a gente? Ele respondeu: "Não quero falar". E eu disse: só uma palavrinha. Enfim, ele falou durante 15 minutos. Foi a entrevista que todos queriam.

Fotos: Arquivo Pessoal

O repórter antes do "ao vivo" no Congresso Nacional

Revela - Como você se sentiu?
Fábio - Eu saí de lá nas nuvens com essa entrevista. Isso já era 19h e liguei para o meu chefe. Ele ficou cinco minutos acabando com a minha vida. (risadas). Ele falou que eu era um irresponsável, porque eles tinham um jornal para colocar no ar. Quando ele terminou, eu falei: Tenho uma entrevista exclusiva com o PC Farias. Ele só respondeu assim: "voa pra cá", e eu voei. Cheguei na redação e ninguém acreditava. Eles colocaram essa entrevista no ar na íntegra. A partir daquele dia, eu passei a ser o repórter.

Revela - Você pretende fazer algo no jornalismo que ainda não tenha feito?
Fábio - Quem acha que já fez tudo, pode se aposentar. Jornalismo não tem fim. Acho que ainda não fiz nada, tenho que fazer muita coisa. Tenho todas as matérias do mundo para fazer, todos os furos do mundo para conseguir. Eu não fiz nada ainda.

Revela - Qual a sua opinião sobre a obrigatoriedade do diploma para jornalista?
Fábio - Quem faz lei é política, quem faz política é jornalista. É como se fosse uma vingança. Mas um jornalista tem que ter o diploma. Claro que você não aprende a trabalhar na faculdade. É com o dia a dia que você aprende. Eu tenho 25 anos de profissão e estou aprendendo a trabalhar, mas a faculdade dá uma base filosófica e ética muito grande e você precisa disso. Na faculdade, você tem toda a teoria, que é muito importante.

issuu-downloader.com

A cidade não para de crescer

Fabiana Cunha
Carlos César
6º período de Jornalismo

De acordo com a seção de atualização cadastral da Prefeitura Municipal, Uberaba possui 314 bairros entre loteamentos, vilas e residenciais. Os mais recentes são Residencial Dahma, Terra Nova Uberaba, Guilherme Borges e Tancredo Neves.

A explosão imobiliária veio junto com a ascensão da economia brasileira

Um desses é o Jardim Triângulo, próximo à avenida Capitão Teófilo Lamounier, na região leste da cidade. A empregada doméstica Rosângela Batista de Melo, 39 anos, moradora do bairro há 12, diz que o melhor do bairro são as pessoas que nele vivem. "Existe certo descaso com relação ao bairro. Mas os moradores procuram se proteger." Outro ponto que a doméstica ressalta é que o posto de saúde foi transferido para a escola CAIC. "Quase nunca há médicos, a parte que mais funciona são as nutricionistas, estudantes do curso de Nutrição da Uniube que dão atendimento no local", afirma. Com relação à infraestrutura, Rosângela diz que há esgoto, energia elétrica e asfalto. "As ruas têm muitos buracos, mas acho que acaba sendo normal, a cidade inteira está cheia deles", completa.

Na mesma região leste está o Jardim Primavera, onde vive a primeira moradora do bairro, a auxiliar de serviços gerais do Arquivo Público, Neusa Maria da Silva, 60 anos. Ela conta que, mesmo após os 18 anos da criação do bairro, o preconceito fica evidente nos rostos das pessoas quando se diz que mora no Primavera. "Já presenciei diversas pessoas que

Fotos: Divulgação

Uberaba completou no dia 2 de março 192 anos

Conheça a cidade de ponta a ponta

Setor 1: Chácara Déa Maria
Setor 2: Distrito Industrial, Distrito Industrial II
Setor 3: Univerdecidade
Setor 4: Chácara das Orquídeas
Setor 5: Victória Ville I e II, Jardim Eldorado
Setor 6: Alfredo Freire I e II
Setor 7: Serra do Sol, Distrito Industrial I
Setor 8: Jardim Canadá. Recanto da Terra, Tutunas, Parque Grande Horizonte
Setor 9: Jardim São Bento, Tancredo Neves, Vila Militar, Vila Olímpica, Vila Celeste
Setor 10: Jardim Nenê Gomes, Jardim Espírito Santo, Vila São José, Vila Olímpica, Fabrício, Boa Vista
Setor 11: Conjunto Morada do Sol, Jardim Bela Vista, Conjunto Boa Vista, Vila Presidente Vargas, Residencial Buena Vista, Vila Leandro, Jardim Santa Adélia, Vila Jõao Pinheiro, Boa Vista, Quinta da Boa Esperança, Residencial Doutror Abel Reis, Cássio Resende.
Setor 12: Arquelau, Zaida Dib, Vila Presidente Vargas, Jardim Triângulo, Jardim Indianópolis, Josa Bernardino I, Jardim Tita Resende, Residencial Estados Unidos.
Setor 13: Residencial Antônia Cândida, Mazeto Domingos, Residencial Mônica Cristina, Jardim Elza Amuí II, Residencial Mangueiras.
Setor 14: Loteamento José Olavo, Jardim Primavera, Conjunto Habitacional Uberaba.
Setor 15: Alfredo Freire III, Beija Flor I e II, Morumbi, Pacaembu.
Setor 16: Villagio Di Fiori, Distrito Industrial I, Residencial Palmeiras, Residencial Dom Eduardo, Pontal, Umuarama, Hyléa, Chagas Nagib Barroso.
Setor 17: Recanto da Torres, Santa Marta, Olinda, Universitário.
Setor 18: Jardim Sete Colinas, Mercês, Morada das Fontes, Santa Marta, Irmãos Soares, Vila Santa Inês, Vila Maria Helena, São Benedito, Vila Santa Maria.
Setor 19: Fabrício, Boa Vista, Jardim Alexandre Campos, Abadia.
Setor 20: Boa Vista, Guanabara, Estados Unidos, Frei Eugênio, Nossa Senhora Aparecida, Abadia.
Setor 21: Parque São José, Flamboyant, Jardim do Lago, Jardim Manhattan, Parque do Mirante, Jardim Esplanada, Residencial Europark, Costa Telles.
Setor 22: Jardim Elza Amuí, Jardim Elza Amuí IV, Jardim Esplanada, Cidade Nova, Oneida Mendes, Manuel Mendes, Nossa Senhora de Lourdes.
Setor 23: Filinha Mendes, José Barbosa, Maringá.

issuu-downloader.com

moram no bairro dizerem que moram no Uberaba I, para não serem olhadas daquele modo." Neusa diz que todos acreditam que morar no Jardim Primavera significa ser ladrão ou drogado. E ainda afirma: "As pessoas devem entender que muitas pessoas honestas e trabalhadoras também moram lá", finaliza.

De acordo com a Chefe de Seção de Desenvolvimento do Comércio, Dalva Maria Frange Miziara Oliveira, não há uma delimitação precisa dos bairros em geral. "O que possuo é uma estimativa de bairros de 2010 enviada pelo IBGE com relação à população que neles vive." Com esses dados não há como prever com exatidão quantos bairros surgem a cada ano.

Existem locais como o bairro Mangueiras, que possuem apenas duas ruas que circundam uma praça. O diretor do Setor de Cadastro Imobiliário da Prefeitura Municipal, Evandro Batista, diz que o bairro é proveniente de uma chácara que foi loteada. "Devido a fatos como esses não há a possibilidade de se ter um número correto de todos os bairros da cidade. Somente são considerados bairros aqueles em que as casas possuem número de escritura", informa Evandro.

Setor 24: Residencial Parque dos Girassóis, Jardim Copacabana, Parque das Primaveras.
Setor 25: Jardim Morumbi.
Setor 26: Cidade Ozanan, Residencial Morada du Park, Vila Planalto, Estrela da Vitória.
Setor 27: Santos Dumont, Parque das Américas, Conjunto Margarida Rosa Azevedo.
Setor 28: Jardim São Benedito, Vila Raquel, Vila Estado Novo, Recreio dos Bandeirantes.
Setor 29: Parque Bom Retiro, Leblon, Cidade Jardim, Parque São Geraldo, Vila Estado Novo, Vila São Cristovão, Jardim Induberaba, Recreio dos Bandeirantes.
Setor 30: Leblon, São Vicente, Costa Telles II, Jardim América, Parque São Geraldo, Parque das Gameleiras II, Valim de Melo, Jardim Maracanã.
Setor 31: Jardim Califórnia, Vila Esperança, Conjunto Abadia, Cartafina, União, Parque das Gameleiras, Jardim Metrópole.
Setor 32: Chácaras Princesa do Sertão.
Setor 33: Conjunto Antonio Barbosa de Souza, Residencial Uberaba 2000.
Setor 34: Gleba Santa Mônica I e II.
Setor 35: Chácara Vale do Sol.
Setor 36: São Geraldo, Condomínio Residencial Mário Franco.
Setor 37: Residencial Parque.
Setor 38: Jardim Maracanã, Minas Gerais, Sítios Recreio da Cachoeira do Cassu.
Setor 39: Jardim Alvorada I, Minas Gerais.
Setor 40: José Valim de Melo, Jardim Itália, Chica Ferreira, Jardim Santa Clara.

Blitz do Revela

A equipe do Jornal Revelação percorreu quatro bairros diferentes da cidade para conferir a opinião de seus moradores quanto à infraestrutura, educação e opções de lazer:

Gleudo Júnior
1º período de Jornalismo

"As pessoas aqui são tranquilas, de renda mais alta. A prefeitura dá apoio para o pessoal, existe infraestrutura, porém não há escolas, nem opções de lazer."

Moradora do bairro Tancredo Neves, a técnica em Segurança do Trabalho, Thaís Pereira Donadoni, tem 23 anos

Fotos: Grasiano Sousa

"O pessoal todo é de classe alta, todo mundo tem carro zero quilômetro. Escola existe só no bairro vizinho. A atuação da prefeitura tem sido nula, falta canalização e não há opções de lazer."

O técnico em Mecatrônica, Cosme Paulo Dutra, de 38 anos, é morador do bairro Pacaembu II

"A população do bairro é bem carente. Existem apenas uma escola e uma creche. A maioria das crianças não estuda, pois a escola não comporta o número de estudantes. A prefeitura tem abandonado o bairro, pois antes oferecia transporte e hoje não faz mais isso. A única praça do bairro está em reformas e, no local, serão construídas quadras poliesportivas."

Denise Pinheiro Pereira, de 23 anos, é comerciante e moradora do bairro Residencial 2000

"Não tem lazer aqui, não tem nada. Não existem praças, existe somente uma escola e quando as crianças não conseguem vaga para estudar têm que atravessar a rodovia para ir a outra escola. A prefeitura tem esquecido o bairro."

Kátia Maria Dias Machado é camareira, tem 30 anos, mora há pouco tempo no Jardim Maracanã e considera a população bastante carente

A assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de Uberaba informou que todos os serviços serão implementados, conforme o planejamento estratégico desenvolvido pelas secretarias responsáveis

issuu-downloader.com

Lei regulamenta o uso de mesas e cadeiras

Regras dividem opiniões de proprietários e frequentadores

Pabliene Silva
5º período de Jornalismo

É lei. Os bares devem retirar mesas e cadeiras das calçadas a fim de liberar espaço para os pedestres. A regulamentação ocorreu no último semestre. A equipe de fiscalização da Secretaria Municipal de Trânsito, Transportes Especiais e Proteção de Bens e Serviços Públicos (Settrans) realiza blitz educativa, porém, o prazo para adequação termina no próximo dia 20.

As multas são calculadas conforme a Unidade Fiscal do Município (UFM). Atualmente, cada UFM corresponde a R$ 150. Multas leves podem chegar a 10 UFM's (R$1500) e as graves a 30 UFM's (R$4500).

Proprietário de um trailer instalado na praça da Avenida Saldanha Marinho, há 15 anos, Daniel Gomes Barbosa já recebeu a visita dos fiscais. "Eles me explicaram as novas regras e fizeram uma notificação solicitando o envio de um projeto."

A multa pode chegar a 30 UFMs, ou seja, R$4500

Daniel afirma que já enviou três projetos com todos os requisitos solicitando o alvará de funcionamento, mas ainda não obteve resposta. Mesmo assim, o comerciante continua trabalhando e se responsabilizando pela limpeza do lugar ocupado. "Eu preciso trabalhar de qualquer forma. O que a lei determinar para mim, vou cumprir. Quero cumprir! Eu não tenho outro serviço, só tenho esse. Todos os dias, antes de eu ir embora, eu faço a faxina", desabafa o proprietário do trailer.

Pela lei, Valdir Natal Camargo, dono de um trailer na avenida Carmelita Castro Cunha, não pode mais utilizar o canteiro central para instalar as mesas e cadeiras de seu estabelecimento.

O proprietário diz que possui alvará, padrão de energia no local e assegura que se encarrega da manutenção da área. "Para nós, a lei é muito boa porque vai regulamentar o nosso trabalho e, a partir daí, seremos uma empresa, com CNPJ, pagaremos INSS, poderemos nos aposentar trabalhando no que já fazemos", garante Valdir, que aguarda a decisão da prefeitura.

Os frequentadores dos bares se dividem. "Sou a favor da lei. A calçada foi feita para o pedestre transitar. Aquele bar que necessitar utilizar o espaço terá que se adequar", diz Joana Darc Silva de Melo, de 44 anos.

Fotos: Graziano Souza

O prazo para a adequação termina no próximo dia 20

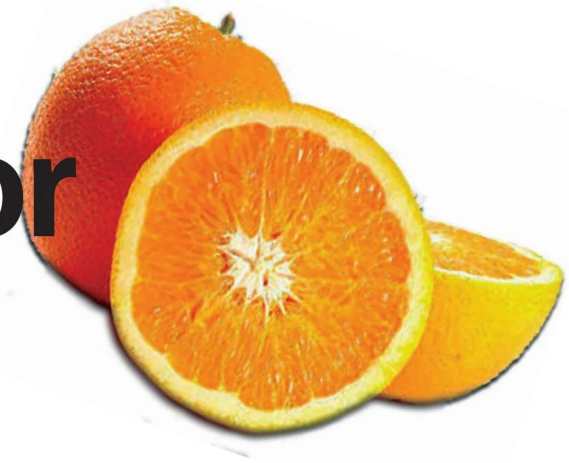
"Sou contra. Sou fumante e não tem nada melhor que fumar bebendo minha cervejinha. Agora, proíbem fumar em local fechado e beber na calçada. Ah! Precisam se preocupar com outras coisas", enfatiza Daiane Aparecida de Oliveira, de 20 anos.

Todos os estabelecimentos devem enviar seus projetos de adaptação à Secretaria de Planejamento para a análise, aprovação e liberação do alvará de funcionamento.

Segundo o diretor do Departamento de Posturas, Renato Formiga, agentes de fiscalização estão orientando os proprietários quanto à devida regulamentação da utilização dos espaços públicos. "Nosso dever é fiscalizar. Primeiro notifica-se. Se houver reincidência, a penalidade é a multa. Se não houver a adequação, as consequências são a interdição temporária e depois a cassação do alvará", afirma o diretor do Departamento de Posturas, Renato Formiga.

issuu-downloader.com

Mais um suco, por favor



Júlia Magalhães
5 º período de Jornalismo

Já inventaram coisa mais chata do que gente bêbada? Se inventaram, ainda não me contaram. Haja paciência para certas situações. Você está em uma festa, curtindo numa boa, dançando, bebendo sua água e surge aquele seu amigo com a famosa frase: "Vamos ao banheiro comigo?"

Você já dá uma olhadinha para a cara do sujeito e logo percebe que ele tomou umas latinhas a mais. É sempre a mesma história. Você, por solidariedade, acompanha. No caminho, já começam os sinais de que as coisas não estão muito bem. A criatura mal consegue parar em pé. Sai esbarrando nas pessoas, pedindo licença, cambaleando até chegar à porta do banheiro e se escorar por lá.

Aí, entra uma pessoa e olha, entra outra e comenta e você, lá, fazendo seu papel de amigo. Haja paciência para certas situações.

Depois de um tempo ali parado, ele resolve que já está bem o suficiente para caminhar sozinho até o vaso sanitário e colocar para fora tudo aquilo que tem dentro, sem pensar nas consequências.

A essa altura, sua noite já era. Mas como você deixa seu amigo passando mal e vai aproveitar o restante da festa?

Todo mundo tem um amigo assim, eu sei. Sempre enche a cara, fica tonto e promete que aquela é a última vez.

É por isso que eu não bebo. Não gosto de cuidar de gente bêbada e não quero dar o mesmo trabalho para ninguém.

O que considero interessante nessas situações é observar o comportamento humano. Primeiro, está tudo numa boa, é só felicidade. Conversa com uma pessoa, conversa com outra. Aí, vem a parte da negação. Você chega até a pessoa e em um ato de amizade, assim como o que foi descrito no início, comenta que ele está se excedendo na bebida, mas não resolve. É o fim do mundo: "Se eu bebo é problema meu." O amigo quer mais é beber, sem ninguém importunando.

O que considero mais interessante neste processo é como os bêbados fazem amigos com facilidade. Eu queria que, na hora do convite para ir ao banheiro, eles convidassem os novos amigos para acompanhá-los. Mas não, só sobra para você, que é amigo de verdade.

Passado o momento da amizade, vem a cegueira. A pessoa pensa que está invisível e começa a fazer coisas que até Deus duvida: imita macaco, leão. Acha que é o dono da razão e resolve abrir a boca e falar todas as verdades obscuras que estavam entaladas na garganta. Só pode sair confusão.

E o amigo fala em diversas línguas: inglês, espanhol, mandarim. No último momento, vem a depressão. A maldita depressão. Chora, diz que ama todo mundo, que não sabe viver sem essas pessoas e que elas são de extrema importância para a sua sobrevivência. Mas o ciclo só acontece quando é um bêbado profissional. Porque quando o bêbado é amador, vive só a fase da amizade e já pede para ir ao banheiro.

Depois, eu sou a careta da história para a turma de amigos embriagados. Só porque passo a noite fazendo um rodízio de sucos e sendo feliz.

Não, não se preocupe. Eles são persistentes. Sempre rola a mesma pergunta: "Mas você não vai beber mesmo?" E ainda afirmam que quem não bebe não tem histórias para contar para os netos.

Engano deles. Tenho muito mais histórias do que eles podem imaginar. É só lembrar as inúmeras vezes que um deles me convidou para acompanhá-lo até o banheiro. Mas enquanto os netos não chegam: garçom, mais um suco, por favor.

issuu-downloader.com

Monumentos resgatam a história do município

Fotos: Grasiano Souza

Rodolfo Natálio
5º período de Jornalismo

"Uma cidade sem monumentos é uma cidade sem o resgate da história." A definição é do engenheiro civil e pesquisador da história de Uberaba, Marcos de Araújo Júnior.

Em Uberaba, os monumentos estão dispostos nas praças. Um dos que mais chamam a atenção dos uberabenses é o Andarilho, na praça Jorge Frange, também conhecida como Praça da Rodoviária Velha. A estátua foi construída após a edição do livro O Andarilho – Quem é Ele, escrito pelo engenheiro civil João Eurípedes Sabino, no ano de 2006.

A Fundação Cultural de Uberaba (FCU), naquele ano, foi a responsável pela instalação do monumento no local onde São Bento, como era conhecido o Andarilho, viveu por muito tempo. "Este é o primeiro monumento no Brasil que celebra a imagem deste tipo de pessoa. A estátua tem um tratamento diferenciado. Eu pago para olharem e cuidarem dela", revela João Eurípedes.

Para Sabino, a maioria das obras arquitetônicas do município está sob o descaso da administração pública. "A estátua de bronze de Major Eustáquio, o fundador da cidade de Uberaba, localizada na Praça Rui Barbosa, está em más condições", lamenta o escritor.

Em homenagem aos negros, o busto da Princesa Isabel, na praça Santa Terezinha, também é alvo constante de vândalos. Construído no início da década de 60, chegou a ser roubado, no fim da década de 90 e, em 2008, foi reconstruído. Todo construído em cimento trabalhado, foi idealizado pelo artista plástico Joselito da Rocha Souza.

Em 2006, foi construído o Memorial Zumbi dos Palmares, na Avenida Presidente Vargas. A imagem do último dos líderes do Quilombo dos Palmares – local para onde os escravos iam quando fugiam das fazendas nordestinas – foi erguida sob uma estrutura de pedras, em meio à via. Esta foi erguida em 1956, na gestão do prefeito Arthur de Melo Teixeira. A colônia Sírio-Libanesa foi quem a ofereceu à cidade.

O busto da princesa Isabel foi erguido na década de 60

São Bento, o andarilho, virou estátua na praça Jorge Frange

O obelisco do Rotary fica na principal avenida da cidade

"O obelisco e o busto resgatam os acontecimentos e os personagens relevantes para a história da cidade, além de mostrar os artistas que os desenvolvem. Aqui, há muitos locais e pessoas que poderiam ser exploradas", afirma o pesquisador Marcos.

O obelisco é um monumento comemorativo, típico do antigo Egito, constituído de um pilar de pedra, em forma quadrangular, alongada, que se afunila. Normalmente, é decorado com inscrições gravadas em seus quatro lados.

Na principal avenida da cidade, há um obelisco. No cruzamento das avenidas

issuu-downloader.com

Leopoldino de Oliveira e Santos Dumont, o monumento marca a presença do Rotary Club, em Uberaba.

Dois obeliscos relembram a importância do gado em Uberaba. No interior do Parque Fernando Costa, ao lado do Museu do Zebu, há o obelisco dos mascastes. Nele, estão contidos os nomes de centenas de homens que fizeram parte da história uberabense a partir da lida com o gado.

Na praça Dom Eduardo, foi inaugurado, no início da década de 80, o obelisco em homenagem a Antônio Borges de Araújo, responsável pela chegada do touro Lontra a Uberaba, em novembro de 1889. Lontra pertenceu a Dom Pedro II e foi levado à Fazenda Caçu. Por meio dele, a raça Induberaba, hoje, Indubrasil, foi desenvolvida. Assim como outros monumentos, este também sofre a ação dos vândalos. Três placas do monumento foram arrancadas e a estrutura apresenta pichações e desgaste.

Os tradicionais vendedores de gado ganharam homenagem no parque de exposições

Homenagem a Major Eustáquio compõe o Paço Municipal

Sentado à beira do caminho

Aírton de Souza
5º período de Jornalismo

O sol está no alto do céu e o seu João empurra o carrinho de pedreiro avenida acima. Dentro dele não há tijolos, nem areia, nem cimento. Há bancos, desses que ficam do lado de fora dos bares das periferias, que servem de descanso para quem se abriga debaixo das árvores. Carros cortam a avenida em disparada, mas seu João só ouve o som da roda do seu carrinho. É de um chiado constante, como dos velhos carros de boi a cruzar os sertões. Mas o sertão que seu João cruza é o da cidade grande, do asfalto escaldante em dias de verão. Falta óleo nas engrenagens. Vez ou outra, tira o chapéu e seca o suor com as costas da mão. Os óculos de lentes grossas embaçam com frequência, pois o calor não dá trégua. Nos dias de chuva, a cena se repete e ele não maldiz a água que cai do céu. Ela não tem culpa, apenas atrapalha o movimento que, há tempos, anda fraco. Afinal, quem quer comprar rústicos banquinhos de madeira? Estamos na era do tudo pronto, da tecnologia, do clique milagroso que resolve todos os problemas num passe de mágica. Estamos na era dos bancos em série, onde só falta gente pra conversar. Mas seu João não tem computador, nem celular de última geração, mal tem uma velha TV a lhe fazer companhia nas madrugadas de insônia. Seu João tem medo, medo de acordar no dia seguinte e não conseguir vender seus bancos de madeira rústica. Por isso, logo pela manhã, ele sobe a avenida. Na ilha verde, entre as duas pistas, ele espera pacientemente, sentado, braços cruzados, olhar perdido entre as lentes grossas. Às vezes, uns param, perguntam o preço, até compram. E quando compram, é como no sertão, com a chegada das primeiras chuvas. O rosto do seu João se enche de alegria. É mais uma ajuda a completar a aposentadoria. Já vendeu vales-transportes, já afiou alicates, já consertou panelas, mas isso é passado. Consegue até sorrir ao se lembrar de tudo que fez durante sua longa vida, de quase oitenta anos. Não se arrepende de nada, mas lamenta ter de trabalhar ainda para completar a renda doméstica e mesmo ajudar alguns parentes que precisam dele, os netos, os menos afortunados. Para seu João, ajuda não se mede, se faz. Seu João vende seus bancos em frente ao aeroporto. Seu João vê os sonhos que se vão nas grandes caixas de metal. Seu João não tem sonhos, tem dificuldades: de levar seu carrinho de volta cheio de bancos que não conseguiu vender. Seu João tem mesmo de driblar o homem do governo que não quer ninguém trabalhando sem licença. Mas seu João, pobre João, só consegue licença para sobreviver, para que um dia não seja apenas uma imagem na retina dos que passaram pela avenida e viram um homem vendendo banquinhos de madeira. Seu João não quer homenagens. Seu João, enquanto Deus lhe permitir, só quer viver com dignidade.

issuu-downloader.com

UNIUBE ABERTA
FEIRA DE PROFISSÕES

FEIRA DE PROFISSÕES

UNIUBE

AGENDE
VESTIBULAR
JUN' 2011
PROVAS
11/06

28' MAIO (Sábado)
9h às 17h

CAMPUS AEROPORTO

ENTRADA FRANCA
(pelo estacionamento Bela Vista)

- ESTANDES DE CURSOS
- OFICINAS DE REDAÇÃO
- PALESTRAS
- APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Faça sua pré-inscrição, valide no dia do evento e CONCORRA A 4 NOTEBOOKS*

INSCRIÇÕES GRATUITAS*
VESTIBULAR E PIAS

*Imagem meramente ilustrativa *Conforme regulamento no site.

www.uniube.br
0800 34 3113

A universidade
à altura
dos seus sonhos.

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com